



BAUDELAIRE E OS MARGINALIZADOS PELA URBANIZAÇÃO

Marcos Antonio de Menezes¹

Universidade Federal de Goiás

Jataí, Goiás, Brasil

pitymenezes.ufg@gmail.com

Resumo: No século XIX, a segregação urbana não é só um tema recorrente na literatura; é, sim, a mais dura realidade. As bocas das fábricas expeliam, nos principais *boulevards* de Paris, mais que os coloridos dos tecidos, objetos industrializados e uma série de quinquilharias; despejavam homens e mulheres famintos, destituídos dos meios materiais que garantiam suas vidas. Com sua arte poética, Charles Baudelaire observa esse momento e capta na sua escrita a “dança” da dessacralização da vida e da arte, capta o momento em que a navalha toca e roça a “contrapelo a história”. Como artista, Baudelaire vive a queda do halo, a aura da obra de arte. Ele sabe que o poeta não tem mais lugar naquela sociedade, onde a reprodutividade técnica e o mercado desfizeram a magia da criação artística. A modernidade, os “tempos modernos” são vistos pelo poeta, que melancolicamente os traz para a sua poesia.

Palavras-chave: História; Poesia; Baudelaire; Marginalizados urbano.

Vários outros poetas contemporâneos de Baudelaire falavam desse cenário. Victor Hugo talvez tenha sido o mais eloquente em seu *Os miseráveis*. Mas esta não era só uma ideia literária, mas antes a mais brutal realidade. As mudanças sociais provocadas pelo novo modo de produção fizeram com que as cidades inchassem e aqueles que não encontravam emprego no mercado estavam fadados a viverem nas ruas e praças.

¹ DR. UFG/Jataí/PPGH

Neste cenário, não só o poeta não tem o que fazer. Milhares de pessoas perambulam em busca de pão. Mas no poeta a dor é maior. Não se trata apenas de vender sua força de trabalho a outrem, mas sua produção intelectual. Afinal, o artista, mensageiro dos deuses, como podia, agora, ver-se obrigado a se entregar a tão vil “amante”?

Há um misto de dor e prazer nesta entrega; em um momento ele a recusa, mas no outro se vê obrigado ao ato. Afinal, a burguesia consegue despojar da auréola, como denunciava Marx, todas as profissões liberais. Transformou também o artista em trabalhador assalariado. Se não há mais o mecenas, existe o gosto geral e particular que deve ser agradado.

Bela ironia! A dor aqui é pela perda da gaiola. É exatamente a sensação desmedida de liberdade que tem o homem do século XIX, até que, como um soco, a burguesia lhe bata na cara e diga: vagabundo, vá trabalhar! Se não há produção, não há compensação financeira; é a entrega total ao desconhecido amante.

Baudelaire resiste. As metáforas em seus textos são registro de um grito de espanto. Ele quer escapar a este “moinho satânico”. Não quis atender ao gosto do público, *desopilar o fígado do povo*², e oferecer-lhe “espelhos” onde seus rostos fossem refletidos. Quis, antes, mostrar o escárnio da vida diária.

É a morte de Deus, do sagrado. Tudo que persiste são homens obrigados a se relacionarem em uma grande feira, onde tudo é venal, onde tudo tem um preço. Não há mais ajuda mútua, agora é “olho por olho, dente por dente”.

Baudelaire vai produzir uma literatura na qual o Bem briga com Satanás, este comandante de homens danados, escravos da máquina, da mercadoria, da moda; seres humanos transformados em Prometeus, incapazes de produzirem experiência.

Não é uma busca do passado, uma necessidade de recolocar sobre a cabeça o halo caído na lama, mas antes uma recusa à ideia desmedida de um progresso que impregnava seu tempo e impregna o nosso. Ele não se deixa trair por *essas vinhetas decadentes*³, ele quer o novo que não seja mera cópia ou repetição do ontem.

Baudelaire parece mostrar-se totalmente descrente da função revolucionária, na qual acredita Marx. Ele é, aqui, antes de mais nada um espírito ambivalente que reclama tanto da direita quanto da esquerda.

² BAUDELAIRE, Charles. A musa venal. In: **As flores do mal. As flores do mal**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 126-127.

³ BAUDELAIRE, Charles. O ideal. In: **As flores do mal**, op. cit., p. 146.

Para Baudelaire, o ocidental lê o “seu” jornal, em “seu” botequim, e se crê rodeado pelo progresso materializado no vapor, na eletricidade e na iluminação a gás, esses milagres desconhecidos pelos romanos. O poeta vê no progresso o homem fechado no círculo de fogo da lógica divina, semelhante ao escorpião, condenado a picar-se com a própria cauda.

Para Walter Benjamin, a boemia de Baudelaire se assemelha à de Marx no momento em que ele aponta nesse estilo de vida, comum no século XIX, o herói, aquele que, *no centro da própria engrenagem inventa a contra-mola que resiste*⁴. Mas com relação à tintura política de Baudelaire, alerta Benjamin:

Em princípio, os vislumbres políticos de Baudelaire não excedem os destes conspiradores profissionais. Se dirige suas simpatias ao reacionarismo clerical, ou se oferece à insurreição de 1848, sua expressão desconhece mediações, e seu fundamento permanece frágil.⁵

Em *As flores do mal* aparece uma litania intitulada “Abel e Caim”, na qual, é claro, o que Baudelaire pensa dos deserdados, que são, em muitos dos seus poemas, o herói moderno:

Raça de Abel, frui, come e dorme
Deus te sorri bondosamente.

Raça de Caim, no lodo informe
Roja-te e morre amargamente. [...]

Raça de Abel, eis teu fracasso:
Do ferro o chuço ganha a guerra!

Raça de Caim, sobe ao espaço
E Deus enfim deita por terra.⁶

[Abel e Caim, v. 01-04, 29-32]

Aqui o conflito entre dois irmãos, personagens bíblicos, vira o de duas classes eternamente irreconciliáveis. O poeta, contrariando a tradição bíblica, exalta os “filhos

⁴ APOLINÁRIO, João. **Primavera nos dentes**. Poesia musicada por João Ricardo, filho de João Apolinário. Música contida no disco “Secos e Molhados”, álbum de estreia do grupo de mesmo nome lançado em 1973 pela gravadora Continental.

⁵ BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 11.

⁶ BAUDELAIRE, Charles. Abel e Caim. In: **As flores do mal**, op. cit, p. 418-421. “Race d’Abel, dors, bois et mange; / Dieu te sourit complaisamment // Race de Caïn, dans la fange / Rampe et meurs misérablement // Race d’Abel, voici ta honte: / Le fer est vaincu par l’ épieu! / Race de Caïn, au ciel monte / Et sur la terre jette Dieu!”

de Caim”, o primeiro flagelo humano, o fundador da classe dos oprimidos. A visão teológica da luta entre os dois irmãos, entre o desfavorecido e o favorecido, foi traduzida por Marx numa visão da história como luta de classes. Baudelaire, não sendo socialista, não tem uma visão da sociedade como este, porém, confere uma expressão teológica a esta luta.⁷

Ao final do poema o autor passa a fazer conjecturas. Para a vergonha da raça de Abel, *Le fer est vaincu por l'épieu!* (Do chuço ganha a guerra!)⁸. O ferro do arado da sua geração laboriosa é vencido pelo da espada dos nômades de Caim, invertendo a situação de ambos, como aparece no *Gênese*: Caim agricultor e Abel pastor. E a raça de Caim sobe ao céu *Et sur la terre jette Dieu!* (E Deus enfim deita por terra!)⁹. Ao lado da dimensão simbólica dessa divisão dos homens podemos enxergar também uma história social, vendo na geração de Abel o burguês, o homem integrado e satisfeito. A raça de Caim não se limita ao pobre destituído e explorado pelo novo sistema fabril e à sua vítima final, mas é também o anúncio da vitória do proletariado revoltado.

Os deserddados na poesia de Baudelaire são prostitutas, criminosos, jogadores, vagabundos e mendigos, mais próximos do lumpesinato e da boemia do que do mundo do trabalho. Ele vê nesses tipos o herói moderno e quase deposita sua fé no novo sobre eles. Baudelaire descreve o artista, ele próprio, como herói, aquele que não tem mais valor nesta nascente sociedade. Para que serve um poeta no capitalismo? Esta pergunta muitas vezes percorreu a sua alma como um cubo de gelo raspando pelas costas.

Ao longo dos subúrbios, onde nos pardieiros
Persianas acobertam beijos sorrateiros,
Quando o impiedoso sol arroja seus punhais
Sobre a cidade e o campo, os tetos e os trigais,
Exercerei a sós minha estranha esgrima,
Buscando em cada canto os acasos da rima,
Tropeçando em palavras como nas calçadas,
Topando imagens desde há muito já sonhadas¹⁰

[O sol, v. 01-08]

⁷ Cf. KOTHE, Flávio René. **Benjamin e Adorno**: confronto. São Paulo: Ática, 1978, p. 85.

⁸ BAUDELAIRE, Charles. Abel e Caim. In: **As flores do mal**, op. cit, p. 418-421.

⁹ Idem, ibidem.

¹⁰ BAUDELAIRE, Charles. O sol. In: **As flores do mal**, op. cit., p. 318-319. “Le long du vieux faubourg, où pendent aux masures / Les persiennes, abri des secrètes luxures, / Quand le soleil cruel frappe à traits redoublés / Sur la ville et les champs, sur les toits et les blés, / Je vais m’exercer seul à ma fantasque escrime, / Flairant dans tous les coins les hasards de la rime, / Trébuchant sur les mots comme sur les pavés, / Heurtant parfois des vers depuis longtemps rêvés.”

O poeta é o esgrimista lutando para não se entregar aos grilhões que o querem acorrentar. A luta do artista é inglória, já que o mercado era o seu fim. Mas não é pacífica esta entrega: o autor luta, sofre e resiste. O poeta vê no proletariado nascente o novo escravo da esgrima.

Seja qual for o partido a que se pertença”, escreve Baudelaire, em 1851, “é impossível não ficar emocionado com o espetáculo dessa população doentia, que engole a poeira das fábricas, que inala partículas de algodão, que deixa penetrar seus tecidos pelo alvaíade, pelo mercúrio e por todos os venenos utilizados para produzir obras-primas [...] Essa população se mata esperando as maravilhas a que o mundo lhe parece dar direito; sente correr sangue purpúreo em suas veias e lança um longo olhar, carregado de tristeza, para a luz do sol e para as sombras dos grandes parques.¹¹

São estes os homens que dão ao poeta a silhueta do herói. Para ele, o herói é o verdadeiro sujeito da *modernité*. Marx, nos seus escritos, reclama este homem novo capaz de redimir a humanidade e libertar todos os homens do ciclo infernal do Prometeu. *Mas a burguesia não forjou apenas as armas que lhe trarão a morte; produziu também os homens que empunharão essas armas — os operários modernos, os “proletários”*.¹²

A fé messiânica de Marx neste homem novo é inabalável. Acredita ele que o desenvolvimento capitalista dava ao proletariado, seu contrário, mais força para derrubá-lo. Acreditava que o desenvolvimento da grande indústria destruiria a base sobre a qual a burguesia produzia e que a queda da burguesia seria a ascensão do proletariado, a redenção da raça humana.

No final da resenha sobre o Salão de 1845, Baudelaire considera que os pintores, seus contemporâneos, estão desatentos ao presente, tão cheio de atos heróicos: *não obstante, o heroísmo da vida moderna nos rodeia e nos pressiona*.¹³

Em vários escritos, o poeta reclama uma arte nova que seja capaz de mostrar o que acontece à sua volta. Ele critica os artistas oficiais que estão a serviço do governo. Acredita que a vida privada está cheia de heroísmos. Enfatiza que bastava ler a *Gazette des Tribunaux* e o *Moniteur* para provar que era necessário apenas abrir os olhos para ver o peculiar heroísmo que os rodeava.

¹¹ KOTHE, Flávio (Org.) **Walter Benjamin**. São Paulo: Ática, 1985, p. 98.

¹² MARX; ENGELS. **Manifesto do Partido Comunista**. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 72.

¹³ BAUDELAIRE, Charles. **Salão de 1845**: poesia e prosa, v. único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 1079.

Baudelaire apresenta a figura da mulher lésbica como heroína moderna. Ele faz de um modelo erótico a mulher viril; esta imagem está impregnada pelo modelo histórico.¹⁴

O advento da industrialização e a produção desmedida de mercadorias incluem no mercado de trabalho a mão de obra feminina: o capital não tem sexo. Alguns teóricos acreditam que, ao exercer tarefas antes masculinas, a mulher adquire traços do homem, perdendo sua feminilidade.

Baudelaire mostra esta passagem, mas da denúncia da exploração de trabalho feminino passa à defesa da sexualidade e feminilidade. Benjamin coloca o poeta ao lado dos sansimonistas, que cultivavam o ideal de androginia e militavam pela emancipação da mulher.

Não há na modernidade lugar para o herói. Ela o prende para sempre em uma ilha; ela o entrega a uma eterna ociosidade. Os heróis do poeta representam o herói em cena na nova sociedade. Não faz nenhuma apologia, mas presta atenção no papel desempenhado por eles, que não estão integrados, escapam à uniformização da ordem nascente. O mais genuíno desses heróis é o próprio Baudelaire, que assiste ao espetáculo, horrorizado e fascinado, mas nunca de forma complacente.

Desesperadamente, Baudelaire percorreu as cidades — becos, bulevares e avenidas; rostos perplexos e anônimos — e, no meio da multidão, tentou resgatar o homem.

À medida que se expande, o público moderno se multiplica em uma multidão de fragmentos, que falam linguagens incomensuravelmente confidenciais; a idéia de modernidade, concebida em inúmeros e fragmentários caminhos, perde muito de sua nitidez, ressonância e profundidade e perde sua capacidade de organizar e dar sentido à vida das pessoas. Em consequência disso, encontramos hoje em meio a uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade.¹⁵

O novo cenário urbano que nasceu com a industrialização foi pensado pelos urbanistas do século XX como um conjunto formado por partes que devem ser conectadas entre si e não mais deixadas às suas particularidades. Ao cruzarem toda a

¹⁴ BAUDELAIRE, Charles. Lesbos. In: **As flores do mal**, op. cit., p. 498-499. “Lesbos, onde as Frinéias uma à outra esperam, / Onde jamais ficou sem eco um só queixume, / Tal como Pafos as estrelas te veneram, / E Safo a Vênus, com razão, inspira ciúmes! / Lesbos, onde as Frinéias uma à outra esperam.”

¹⁵ BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 17.

cidade com linhas de transporte coletivo e de comunicação, romperam com o isolamento entre vários bairros, mas também romperam com a antiga solidariedade entre pessoas que as ligava.

Essas reformas também possibilitaram a retirada dos pobres das regiões centrais para outras mais distantes — o perigo deve ficar longe. Quanto mais longe estivessem uns dos outros, em bairros separados, mais difícil seria sua união. Todas essas medidas, é claro, vieram atender a um clamor do capital; bairros inteiros tiveram que ser construídos e a construção seria feita por grandes empreiteiras. A cidade já não era mais um órgão vivo particular, mas um campo aberto abstrato.

A topografia dos lugares é uma tradução dessas relações sociais. Existe um vínculo orgânico entre as pessoas e o meio ambiente que habitam. [...] A rigidez das pedras e das construções garantiriam assim a perenidade da tradição. A modernidade rompe com este princípio; para usar uma metáfora de Marx, [...] ela “dissolve” o que é “sólido”.¹⁶

Marx e seus contemporâneos sentiram a modernidade como um todo. Baudelaire também se entregou de corpo e “alma” a essa tarefa. Teve a coragem de nadar contra a correnteza quando a catástrofe era inevitável.

Despertar os já quase mortos habitantes da metrópole era uma tarefa à qual nenhum dos teóricos do marxismo e nem mesmo Baudelaire se furtaram. Benjamin levou até as últimas consequências essa batalha. *Mesmo os mortos não estarão a salvo do inimigo se este vencer; e este inimigo só tem colecionado vitórias*¹⁷. Para Benjamin, o inimigo é o progresso cego levado a cabo por seus vassalos e pelo seu senhor: a burguesia.

Hoje, mais de um século depois de os olhos do poeta Baudelaire terem se assombrado, mas não se fechado, diante da caducidade de sua metrópole, uma rede da qual ninguém pode escapar leva o processo de modernização aos mais remotos cantos do mundo e transforma mais ainda as cidades em terra estrangeira para seus cidadãos.

Parece que nós, modernos do novo milênio, perdemos o contato e o controle sobre as contradições que esses nossos antepassados tiveram de agarrar com toda força, em suas vidas cotidianas, para sobreviverem. Voltar atrás, ler Baudelaire, Benjamin,

¹⁶ ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade**. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 215.

¹⁷ BENJAMIN, Walter. *Illuminations*, apud ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o marxismo ocidental**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 124.

Marx, pode ser uma maneira de continuar a resistir e ter coragem de preparar os modernistas deste século.

Esse ato de lembrar pode ajudar-nos a levar o modernismo de volta às suas raízes, para que ele possa nutrir-se e renovar-se, tornando-se apto a enfrentar as aventuras e perigos que estão por vir. Apropriar-se das modernidades de ontem pode ser, ao mesmo tempo, uma crítica às modernidades de hoje e um ato de fé nas modernidades — e nos homens e mulheres modernos — de amanhã e do dia depois de amanhã.¹⁸

Muitos de nós, que temos medo da cidade com suas ruas entulhadas de veículos e gente, já tivemos vontade de fugir dela. Mas na fuga desesperada do “monstro urbano”, acabamos deixando para trás nossas raízes e cultura, estas mesmas que podem nos ensinar como vencer as ruas e fazer do asfalto brotar girassóis, flores que não têm medo de encarar os raios do sol.

Referencias:

- ANDERSON, Perry. Considerações sobre o marxismo ocidental. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- APOLINÁRIO, João. Primavera nos dentes. Poesia musicada por João Ricardo, filho de João Apolinário. Música contida no disco “Secos e Molhados”, álbum de estreia do grupo de mesmo nome lançado em 1973 pela gravadora Continental.
- BAUDELAIRE, Charles. As flores do mal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1985.
- BAUDELAIRE, Charles. Salão de 1845: poesia e prosa, v. único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- KOTHE, Flávio (Org.). Walter Benjamin. São Paulo: Ática, 1985.
- KOTHE, Flávio René. Benjamin e Adorno: confronto. São Paulo: Ática, 1978.
- MARX; ENGELS. Manifesto do Partido Comunista. Petrópolis: Vozes, 1988.
- ORTIZ, Renato. Cultura e modernidade. São Paulo: Brasiliense, 1991.

¹⁸ BERMAN, 1986, op. cit., p. 35.